

# POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 228

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 13500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

## A DECADENCIA DA PENINSULA

O mal da Peninsula tem uma causa unica: o predomínio exclusivo, despotico, absorvente do clericalismo. D'aqui derivou tudo: a ignorancia, a preguiça, a hypocrisia, a falta de solidariedade social, o servilismo, o desprezo do trabalho, a tyrannia politica.

Esse tem sido o mal de todos os povos latinos. Mas sobretudo da Peninsula. E sobretudo da Peninsula porque em nenhuma outra parte o clericalismo deitou raizes tão fundas como entre nós.

Se querem curar a doença que nos mata não se enganem sobre a sua origem.

Quinet disse algures: «Ou os francezes se conhecem hoje ou não se conhecem nunca.»

Esta dicto pôde-se applicar perfeitamente aos portuguezes. Urge que accordemos.

A civilisação vai alta e nós quasi que não nascemos ainda para ella. Os outros povos vão adeante, muito adeante. Vão longe. Alguns levam-nos tres seculos d'avanço. Corramos. Poderemos alcança-los? Eis a duvida! Eis o problema! Em todo o caso, accordemos, levantemo-nos e corramos.

A questão não é de raças. E' de liberdade, é de instrucção, é de civilisação. Progrediram os povos protestantes porque se emanciparam, porque se libertaram, porque se instruíram. Não progrediram os povos latinos porque ficaram na escravidão e na ignorancia.

E' tempo de vêr isso. Ou os portuguezes se conhecem hoje ou não se conhecem nunca.

Até ao momento da Reforma o destino da Europa foi identico. Só então se estabelecem as divergencias.

Os povos protestantes entraram no mundo moderno armados com o mais poderoso instrumento de lucta pela vida, de progresso, de exito, de triumpho: a intelligencia. Os povos catholicos ficaram no mundo antigo, mais presos, mais subjugados, mais enleados, mais emparvecidos pelo jesuitismo, do que até ali.

A Reforma assentou no pensamento e na instrucção. Enquanto Roma impunha a obrigação de acreditar, impunha a Reforma a obrigação de pensar. Os povos catholicos permaneciam na sujeição do pensamento. Não pensavam. Os povos protestantes proclamavam o livre exame, libertavam o pensamento, emancipavam a razão. E o pensamento, posto um dia a caminhar, nem se detem, nem se res-

tringe. Avança e alarga-se. E a razão, liberta um dia, nunca mais se deixa prender, nunca mais se deixa escravisar.

Enquanto Roma condemnava todo o saber como perigoso, a Reforma assentava a Biblia na instrucção elementar.

Apprender a lêr, para poder lêr a Biblia, eis a primeira obrigação do protestante. Dever proclamado por Lutero como urgente, como inadiavel.

A escola, disse Michelet, foi a primeira e a maior palavra da Reforma. A Reforma inscreveu no alto da sua revolução este dever essencial da auctoridade publica: *Ensino universal, escolas de rapazes e de raparigas, escolas livres e gratuitas, onde todos se juntarão, ricos e pobres.*

Ainda mesmo que não houvesse alma, nem céu, nem inferno, dizia Lutero na sua celebre carta aos magistrados e senadores do seu paiz, as escolas seriam uteis e precisas para as coisas d'este mundo.

O ensino popular, escreve Compayré, é filho do protestantismo.

Pensar, não pensar, saber, não saber, eis o que distingue protestantes e catholicos.

Procurem ali a differença, não a procurem nas raças. Todas as raças europeias são boas, todas as raças europeias são más. Conforme a educação e conforme os meios.

A Allemanha venceu a França pelas armas, e vence a França na industria, com os proprios francezes. Vacher de Lapouge (*Les Selections Sociales*) affirma que o poder da Prussia, a sua hegemonia na Allemanha e na Europa, são a consequencia da perseguição dos huguenottes. Quando foi da revogação do edito de Nantes, a Prussia era um pequeno estado miseravel, meio deserto e sem industria, e Berlin uma pequena cidade, ou, antes, uma grande aldeia immunda.

Em menos de meio seculo, 10:000 refugiados francezes fizeram de Berlin um grande centro, uma cidade magnifica a todos os respeitois.

Vinte e cinco mil, atrahidos por Frederico Guilherme, dos quaes 600 como officiaes, foram o principal elemento da instrucção, da disciplina, da força e grandeza do exercito prussiano, em que se alistaram. Havia regimentos inteiros compostos, exclusivamente, de francezes. O poder militar da Prussia data d'essa epocha.

Sete centos mil, só da Normandia eram 200:000, fundaram as cidades industriaes do norte da Allemanha, e levaram á agricultura as luzes da sua instrucção e da sua intelligencia.

Os allemães eram então, para a parte culta da Europa, como Lutero era o primeiro a confessá-lo, *os estupidos allemães.*

Foram os francezes que lhes levaram os progressos e a civilisação. Facto confirmado por Candolle na sua *França Protestante*, por Weiss na *Historia dos Refugiados Protestantes*, por Michelet na *Historia de França*, e por outros.

Todas as raças europeias são boas, todas as raças europeias são más. A questão não é de raça. E' de instrucção, é de educação, é de meio.

Quando a preguiça, o servilismo, a iniquidade, o egoismo, o amor das grandezas e do luxo, o desprezo do trabalho, a velhacaria, a hypocrisia, a mentira, se infiltram a pouco e pouco no terreno, como o clericalismo as infiltrou em Hespanha e Portugal, é claro que esta terra envenenada creou organismos especiaes.

Tres seculos de estupidez, de boçalidade, de crassa ignorancia, não deixaram adquirir aos cerebros portuguezes e hespanhoes a vitalidade, a limpidez, a orientação dos povos da gymnastica, o habito de estudar e de pensar, o trabalho intellectual, faz adquirir ao cerebro o vigor que incute em todos os musculos.

Mas é um effeito de meio, um effeito de exercicio, de cultura, e não uma predestinação de raça. O christianismo foi um recuo. Só teve brilho enquanto os clarões do incendio da ultima bibliotheca dos Ptolomeus allumiaram os passos dos primeiros christãos. Enquanto os doutores da Egreja eram os echos da celebre escola d'Alexandria. Só viveu a vida brilhante que lhe deu o paganismo. Depois veio a bestialidade, a grande, a famosa bestialidade. A estupidez, a horrorosa estupidez. Essa noite escura de agonias, de allucinações, de loucuras, que se chamou Edade Média.

Quando voltou o dia, uns acordaram, outros ficaram. Uns reataram a tradição do paganismo, pela liberdade, pela critica, embora dizendo-se christãos. Outros continuaram a verdadeira obra do christianismo.

O christianismo foi um recuo. Inevitavel ou não.

Enganam-se os protestantes quando se dizem os verdadeiros representantes do christianismo. Não. Nem era possivel, tantas são as seitas, as egrejas, as divisões dos protestantes. A unidade da crença, a pureza da doutrina, o despotismo, que foi sempre seu inseparavel companheiro, ficou com os catholicos, e, em especial, com os jesuitas.

Sim, o despotismo. O despotismo religioso, o despotismo politico. Dois n'um. Se a Allema-

nia, ainda hoje, é a menos livre das nações reformadas, é porque a Allemanha foi aquella onde o livre exame teve, desde logo, menos voo, onde o conservantismo de Lutero poz em cheque as innovações audaciosas, onde os principes, apoderando-se da revolução religiosa, não deram logar á expansáo do elemento liberal e democratico.

E pelo mesmo motivo porque a Allemanha é a menos livre das nações reformadas, são Portugal e Hespanha as mais atrasadas e tyrannizadas das nações catholicas.

Nós somos a patria do jesuitismo, a patria da inquisição.

Para que nos levantemos, para que nos salvemos, é preciso matar o espirito clerical e o espirito de tyrannia politica que lhe anda unido.

A emancipação religiosa produziu sempre, em toda a parte, a emancipação politica.

Libertemo-nos. Eduquemo-nos. E viveremos.

### QUALIAS

O nosso ultimo numero sahio com algumas gralhas. No artigo *Orthographia da Resistencia* veio este periodo, tratando-se da palavra *elles*. «Mas essa mesma palavra já terá de se escrever *elez* antes da palavra *andam*, porque a gente pronuncia *elez andam*, e já não será *ellez*, ou poderá deixar de o ser, em *eles andam*»

Em logar *d'elles andam* devia ter sahido *eles mandam*.

### PORTUGAL E HESPANIA

Não temos enthusiasmo nenhum, mesmo nenhum, pela tal projectada alliança entre Portugal e Hespanha. Agora é que é *comedela*. Da alliança com a Inglaterra, só com a Inglaterra, podia Portugal tirar grandes vantagens. Mas essas vantagens desapparecem todas sendo a Inglaterra aliada de Portugal e, ao mesmo tempo, aliada da Hespanha.

Portugal aliado com a Hespanha, sem estar aliado com a Inglaterra, comprehendendo-se. Só havia ali que objectar e fazer reflectir a fraqueza da Hespanha, o odio tradicional que ella nos tem, e a sua aspiração eterna a absorver-nos.

Portugal aliado com a Inglaterra, sem qualquer dos dois estar aliado com a Hespanha, também se comprehendia, e, neste instante, era a melhor alliança para Portugal.

Portugal aliado com a Inglaterra e com a Hespanha é muita fatura junta!

Algu'm arrebeta com a indignação. E somos nós, incontestavelmente.

Impinjam essa *nova gloria* para Portugal a quem for tolo. Quem tiver dois dedos de juizo, não a engole.

Essas *triplices* não são para nós.

## AO "MUNDO,"

Sob o titulo *Esclarecimentos* lê-se no *Mundo* de terça-feira ultima:

O *Povo de Aveiro* occupa-se, no seu ultimo numero d'esta phrase publicada no *Mundo*:

«Pelo mesmo motivo por que em medicina attendemos não ao sapateiro mas ao medico, em orthographia attendemos aos que, pelos seus conhecimentos especiaes, podem falar no assumpto.»

Na phrase transcripta viu o *Povo* —desdem pelos sapateiros.

E' que não tivemos a fortuna de nos fazer comprehender pelo illustre articulista, visto que, praticamente, demonstramos que se consideramos medicos, consideramos tambem os sapateiros. No proprio *Mundo* tem escripto e escrevem medicos dos mais illustres e sapateiros dos mais modestos.

Todavia, em questões de medicina, consultamos os medicos —sem dedouro para os sapateiros—como em questões de sapataria consultamos os sapateiros—sem desconsideração para os medicos—como em questões de orthographia consultamos os que scientificamente conhecem o assumpto—sem querer molestar os que se escudam apenas na rotina. Foi isto que quizemos dizer no periodo transcripto, Julgámos ter sido claros.

Enganámo nos, segundo nos indica o illustre articulista, incapaz de interpretar com má fé as nossas palavras. Sentindo a deficiencia da nossa prosa, procuramos com estes esclarecimentos restabelecer o sentido do que escrevemos.

Sem duvida que nós eramos incapaz de interpretar com má fé as palavras do collega. No artigo aqui publicado sob o titulo *Desordem Nacional*, que provocou a referencia do collega, não tivemos intuito nenhum de o offender e nem sequer de o melindrar. Referimo-nos ao *Mundo* e á *Resistencia* para precisar melhor as considerações de caracter geral que depois expozemos. Mas sem nos passar pela cabeça que o *Mundo* e a *Resistencia*, collegas aos quaes devemos deferencias e attentões, se julgassem atingidos por certas apreciações que de fórma alguma se podiam entender com elles. E vimos na resposta espirito aggressivo.

Felizmente enganámo-nos, quanto ao *Mundo*, o que por muitos motivos estimamos.

Agradecemos ao collega a espontaneidade e a delicadeza dos seus esclarecimentos.

### A' policia

Andam em guerra aberta os estudantes do lyceu com os alumnos da Escola Normal, motivo porque, ao passarem estes ultimos pela Costeira, os primeiros os assum e por vezes os apedrejam do Largo Municipal.

Lembrámos á policia, e especialmente ao sr. Comissario, para que obste por qualquer fórma a que os factos se repitam.

**PARTIDO REPUBLICANO**

A *Resistencia* declara terminantemente que não se referia ao *Povo de Aveiro*, quando escreveu as palavras transcriptas no penultimo numero d'este periodico.

Pois antes da declaração do collega iriamos jurar que taes palavras se entendiam commosco, e só commosco.

O *Povo de Aveiro* não foi o unico que disse que o partido republicano tem commettido erros e injustiças. Foi o unico, porém, que declarou que nunca se aproximaria dos partidarios.

Mas o collega diz que não se referia ao *Povo de Aveiro*. E' quanto basta. Acreditamos e nada temos, n'esse ponto, que replicar.

A *Resistencia* lembra os nossos artigos *Entre Republicanos*, dizendo que muitas vezes estivemos d'accordo com ella. E' certo. Mas sem deixarmos de dizer o que dizemos hoje. Leia o collega os n.ºs 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179 e 180 do *Povo de Aveiro* e verá. Sempre applaudimos a concentração republicana. Mas sempre censuramos os partidarios, sempre declaramos que não confiavamos n'elles, sempre nos queixamos das injustiças e dos erros commettidos e sempre dissemos que não pertenciamos ao partido. No n.º 172 por exemplo, de 23 de novembro de 1902, diziamos nós, entre muitas outras coisas:

«Quem escreve estas linhas não pertence, ha muito, ao partido republicano. NEM LHE QUER PERTENCER. Mas pertence, mas pertenceu, mas pertencerá á causa republicana, que é a causa do progresso, da liberdade, da justiça.»

Esta era e esta é a nossa attitudã.

Somos republicanos. E se lo-hemos. Mas não queremos nada com os partidarios. Não acreditamos n'elles. Tanto mais quanto é certo que os vemos já a fazer asneiras.

A concentração republicana seria excellente, se fosse possível e se d'ella sabbisse alguma coisa util.

Façam-na, que nós applaudimos.

Mas ficamos á parte. Sem negarmos á causa da Republica todo o nosso apoio e todos os nossos serviços.

E agradecemos á *Resistencia* a lealdade das suas explicações.

**Novo material**

Por todo o mez de janeiro proximo vaé ser reformado, quasi por completo, o material da nossa typographia.

Era nosso desejo apresentar o primeiro numero de janeiro já completamente transformado, porém de todo nos é impossível pela demora que na *Imprensa Nacional* tem tido a encomenda que para ali fizemos.

Sabemos porém agora que em meados de janeiro teremos essa satisfação, pelo que nos dizem d'aquelle importante estabelecimento.

Foi promovido a 2.º cabo, o guarda n.º 27 da corporação policial d'aqui, sr. Antonio da Conceição Junior.

A promoção foi bem accete.

**Fallecimento**

Falleceu no sabbado passado, n'esta cidade, o sr. Guilherme Augusto Taveira. Homem de bem e muito amigo da sua terra, deixou a todos fundas saudades.

Tinha regressado n'esse dia do Porto, onde tinha a sua casa commercial, e de tal maneira foi commettido pela doença que o victimou repentinamente.

A desolada viuva e mais familia a expressão sincera do nosso profundo sentimento.

**Cartas d'Algures**

18 DE DEZEMBRO.

E' enorme o numero dos analphabatos. E entre os não analphabatos poucos tem uma instrução elementar digna de tal nome.

Em infantaria 23 vêm-se continuando a demonstração já principiada em infantaria 14. Os recrutados são na maior parte analphabatos. Outros—e estes são muitos—só sabem lêr. Os restantes lêem e escrevem mal. Poucos são, muito poucos, os que lêem correntemente, os que escrevem de fôrma legível e os que sabem as quatro operações arithmeticas. E entre estes ainda é profunda, como dissêmos na carta anterior, a ignorancia.

Homens destinados a defender a patria, não tem idéa nenhuma de patria. E' uma bruteza que assusta.

Dos nove capitães de infantaria 23, só um deixou, este anno, de ministrar o ensino das primeiras letras aos soldados das companhias. Oito tomaram sobre si esse encargo patriótico. Em algumas companhias o pessoal graduado é reduzidissimo. N'essas o exito não pôde ser grande, apesar de todo o zelo e boa vontade. Mas n'outras, mais felizes, deve ser completo.

E eis como o exercito poderia ser entre nós um grande elemento de civilização.

E' moda, agora, gritar contra o militarismo. Mas, infelizmente, os nossos demagogos, n'isso como em tudo, não sabem o que dizem. E' certo que o exercito permanente é uma instituição do absolutismo, perigosa sob muitos pontos de vista, harmonizando-se mal com o espirito moderno. Como substitui-la, porém?

Eis a dificuldade.

A paz universal é ainda uma mera aspiração. Não digo uma utopia, repare-se bem. Chegaremos lá? Não chegaremos? Não sei. Acho tão arrojado affirmar-se que sim, como affirmar-se que não. Eu sou amigo da paz. Amigo e partidario ardente. Estou longe, bem longe, de admitir, e ainda menos de proclamar, as virtudes da guerra. E' não sendo completamente ignorante, tendo o costume de pensar, e valendo, para mim, alguma coisa o pensamento, não me deixo arrastar, ás cegas, pelas theorias scientificas da lucta feroz pela existencia. A lucta ao coice e á dentada. Que ella existe, não ha duvida. Mas que o seu instrumento capital, e fatal, seja o dente e a ferradura, contesto.

Sou amigo da paz. E a paz tem feito progressos, muitos progressos, progressos que não conhecem nem veem os ignorantes, os patetas que se riem de tudo porque nada sabem, mas nem por isso menos certos e incontestaveis. Progressos que se veem manifestando por tratados, convenções, arbitragens, etc. Ha seculos! Accentuam-se lentamente. Mas começaram ha muito.

Até onde chegarão? Não sei. Será possível a tal paz universal? Talvez.

A civilização caminha sempre. O que ella pôde, não se sabe. Até onde chegará, é misterio. Fazer vaticinios a tal respeito, é loucura.

Mas venha a paz universal a ser um facto, ou não, n'este instante, infelizmente, estamos longe d'ella. E o que mais contem as nações, o que as faz transigir umas com as outras, o que as leva a esses rapapés e tagatés, em que as vemos, rapapés e tagatés que, por signal, se vão tornando já um pouco ridiculos, não é o amor da justiça, nem o espirito de civilização,—para isso está o homem aiada muito besta—é o medo.

O medo é que guarda a vinha. Ha muita verdade n'este velho aphorismo.

Ora se é o medo, se a paz universal está distante, não ha reme-

dio senão armarmos-nos, á espera que a evolução vá comprindo o seu destino.

Não ha remedio senão armarmos-nos. Como? Sob a fôrma de exercitos permanentes? Sob a fôrma de milicias nacionaes? Como a França e a Alemanha, ou como a Suissa?

Ao meu espirito democratico agrada-me muito mais a fôrma suissa. E, sob o ponto de vista da defesa nacional, é a mais effcaz, e a mais sólida. Deixar falar os partidarios dos exercitos permanentes. Infelizmente, não a podemos adoptar, por enquanto, entre nós. E não a podemos adoptar porque, para possuir a effcacia e a solidez de que acabamos de falar, exige cidadãos. Ora o cidadão é a coisa mais rara que ha em Portugal. Não existe, mesmo.

Por isso, diziamos que o exercito permanente poderia ser entre nós, ainda, um grande elemento de civilização.

O demagogo, esse que clama, á toa, contra o militarismo, o tal que não sabe o que diz, ignora profundamente o estado de barbarie em que chega aos regimentos o recruta portuguez. Bronco, boçal, parco, impundo, não sabendo falar, nem andar, sem desembaraço, sem geito, ignorando tudo, bestializado, o recruta portuguez é um verdadeiro selvagem. Mas um selvagem que nem sabe subir ás arvores. Se elle subesse, ao menos, correr, saltar, pular, subir... seria uma vantagem. Mas é um gebo. E' um mono. E' uma fraga arrancada ao fraguado. posta a andar automaticamente. Um verdadeiro bruto.

O exercito, obrigando esse barbaro a lavar-se, a limpar-se, dando-lhe habitos de disciplina que elle não tem; ensinando-o a mexer-se e a falar, seria uma instituição verdadeiramente civilizadora em Portugal, no estado presente da nossa evolução, se o ensinasse tambem a lêr, a escrever e contar, e lhe dêsse noções geraes da nossa organização civil e politica, da sua divisão administrativa, da sua constituição geographica, isto é, se o mandasse para a terra com a idéa exacta de patria portugueza.

Sim. Uma instituição verdadeiramente civilizadora. Porque os nossos demagogos, sabendo muito mais o que vaé lá fóra do que aquillo que vaé em casa, dados ás leituras dos jornaes e brochuras estrangeiras, aquilatam o espirito militar portuguez pelo espirito militar allemão ou pelo espirito militar francez. Ora divergem profundamente. Por um lado, o estado social allemão ou francez é muito superior ao estado social portuguez. Por outro lado, o espirito militar allemão é muito mais despótico, e mesmo o espirito militar francez, que o espirito militar portuguez.

Dá-nos sempre vontade de rir quando ouvimos os nossos demagogos falar, com santa indignação, dos vicios da caserna e da tyrannia militar em Portugal.

Vicios de caserna, entre nós, só existem aquelles que os barbaros trazem das aldeias. E' uma gatnagem infame e uma piolheira brava. Furia que vaé abrandando a pouco e pouco, á custa de muitos esforços de officiaes e sargentos. No primeiro mez é de fugir. Nem se imagina. Depois, é que as ladroeiras vão cessando e a piolhada vaé fugindo. Tornam-se mais honestos, mais acaados, mais aprumados, mais dignos.

Vicios de caserna! Quaes vicios? Podia ser a ociosidade, se a vida de caserna se prolongasse muito tempo. Mas, entre nós, não ha soldado que, ao fim de seis mezes, o maximo, não esteja licenciado.

Os outros vicios trazem-nos elles todos. Todos! Nos quartéis é que perdem alguns.

Quanto á tyrannia tambem dá vontade de rir tratando-se do official portuguez, que, em regra, é um pobre homem afinal. Aparece um ou outro de má raça, é

claro. Existem abusos, incontestavelmente. E, ás vezes, grandes abusos. Mas a regra geral não é essa.

Os exercitos permanentes são prejudiciaes com grandes effectivos e nos meios muito cultos e civilizados. O militarismo, tal qual existe na Alemanha e na Franca, tem defeitos capitaes. Entre nós o exercito poderia exercer uma missão muito civilizadora, se lhe dêssem attenção.

Altamente civilizadora. Porque, por enquanto, não podemos prescindir d'elle. Basta dizer-se que havendo horror á vida militar, porque o ha, e tendo o povo nas carreiras de tiro um meio facil de se subtrahir á vida militar, as carreiras de tiro não são, em parte alguma, frequentadas pelo povo. Nem pelo povo, nem por ninguém. A frequencia é tão pequena, em relação á massa da população, que se pôde considerar nulla.

A lei concede vantagens aos frequentadores das carreiras de tiro. A lei concede instrução militar a todos os civis. Ninguém faz caso. Nem os demagogos que projectam revoluções. As revoluções são de rhetorica, ou de signaes cabalisticos, nas chafaricas da maçonaria, aos olhos dos agentes do governo, aos olhos da policia.

Esse abandono das carreiras de tiro, esse desprezo dos civis pela instrução militar mostra bem como estamos longe da Suissa.

A. B.

**TEMPORAL**

O temporal por aqui tem sido agreste e desabrido.

A chuva tem sido a cantaros e já alguns prejnizos tem f-ito em telhados, muros e pelos campos onde as cheias os tem attingido.

As aguas da ria tem vindo volumosas transbordando já pelas linguetas do caés.

**INDIGNIDADE PRECOCE**

Sob este titulo lê se no nosso prezado collega *O Debate*:

O nosso collega *O Liberal*, em telegramma de Evora relativo á passagem do rei Affonso, relata:

«Uma commissão de estudantes, composta do presidente d'academia e outras, depois de apresentarem as boas vindas ao novo monarcha, n'uma breve allocução em hespanhol feita pelo estudante Caieiro, alumnno da 7.ª classe, pediram a Sua Magestade Affonso XIII que lhes apresentass o pedido para o começo das fêrias do Natal desde já, no que foram muito bem recebidos, esperando por isso favoravel deferimento.»

Dão esperanças estes mancebos, que no culto de Santa Cabula descem á indignidade de se rojarem aos pés d'um seu igual em idade com a tara do direito divino, para lhe supplicarem pelo amor de Deus que sirva de intercessor para que fechem já as aulas!...

Comparemos isto com a nobre attitudã da novidade republicana hespanhola, pedindo augmento de verba para a instrução publica e augmento do numero de escolas.

Os mancebos de Evora não querem nada d'isso. Por hoje, escolas fechadas; para amanhã, um logar á meza do orçamento, retribuitor do seu zelo monarchico.

Curioso phenomeno este! Individuos que denunciam podridão quando estão ainda em plena juventude, quer dizer em plena vida!

Malditas instituições que assim grangenam o caracter virginal da mocidade!

Concordamos plenamente. Mas parece que não foi só a tal academia d'Evora. Outras fizeram o mesmo.

Que vergonha!

**POLITICA LOCAL**

Dizia-nos o padre, em carta de 15 de dezembro de 1900:

«V. ex.ª exerce uma notavel influencia de seducção, com a penna, no espirito publico.

Achei immensa graça á explicação que dá no jornal de hontem sobre a sua attitude na questão do regimento. Tem razão, tem razão: a conservação da cavallaria podia bem defender-se, e ganhar-se, explorando o sentimentalismo. A verdade, porém, é que não houve habilitade para isso. Não houve e é pena. Os homens sahiram hoje e dizem-me que officiaes e soldados iam lagrimejando. A porta do quartel juntou-se muita gente, dizem-me tambem; gente do povo, no maior numero, a tal que se leva pelo lado do sentimento, e dois homens berravam que se o Manuel Firmino fosse vivo não levariam d'aqui o regimento!

A lenda ainda dura e não se apagará tão cedo. Quando se apagar ter-se-ha urdido já outra que fique exercendo influencia identica sobre o espirito publico, arrastando-se assim este povo de lenda em lenda sem já-mais o deixarem erguer a cerviz para encavar de frente a luz do sol, para estender livremente a vista para largos e desafogados horisontes.»

Exercemos uma notavel influencia de seducção sobre o espirito publico. Assim parece. Assim era quando o padre usava de todas as hypocrisias para neutralisar a nossa hostilidade ao morgado do Carmo. Assim era quando o Carranca nos dizia que os regeneradores, a nós, exclusivamente, deviam a preponderancia, adquirida depois das irmãs da caridade. Assim era quando se fundava a *Epocha* e o *Artista* para nos injuriarem. Assim é quando a *Nova Corneta do Diabo* gasta columnas e columnas a dirigir-nos baboseiras, acompanhada, mais ou menos, pelo pasquin da Vera-Cruz.

Vamos, que não se faz tanta coisa contra um insignificante. Esta gente dá-nos honras que não imaginavamos possuir. Nunca suppozemos que eramos nós o homem dominante, o homem preponderante, o homem que decide da opinião publica n'esta terra. Não o queriamos acreditar. Custa-nos a acredita-lo. Mas que remedio se não acredita-lo! Que remedio, que remedio, se elles o dizem, se elles o provam! Se elles o dizem quando escrevem que fomos nós que levantamos da lama, na questão das irmãs da caridade, os regeneradores! Se elles o dizem quando affirmam, como tem affirmado tanta vez, que fomos nós que deitamos abaixo o Manuel Firmino! Até o Carranca, por esse motivo, nos levantava vivas nas ruas da cidade! Se elles o dizem quando nos attribuem—cartilhas do padre que ficam para outra vez—toda a culpa na sahida do regimento de cavallaria n.º 71 Se elles o dizem quando escrevem que exercemos uma notavel influencia de seducção no espirito publico! E se elles o provam a descompor-nos mezes e annos seguidos, enchendo com as descomposturas, de cada vez, mais de meio jornal!

Não ha duvida. Nós trazemos o pé sobre o cachaço d'estes máriolões. Ha mais de vinte annos! Vamos, que essa consolação levamos nós para a sepultura.

Mas como somos nós, no di-

zer d'elles, — são elles que o dizem, são elles que o provam, até quando nos injuriam — o arbitro dos destinos d'esta terra, coisa que nem pelo diabo nós acreditariamos se os marioldes não se esforçassem tanto por no lo fazer acreditar? Como somos nós esse arbitro, se não somos morgado, se não somos ricoço, se não temos votos, nem pedimos votos?

Pela penna, só pela penna. Assim o disse o padre. O maior titulo de gloria para esta terra e para nós!

Ainda bem que n'esta terra ha opinião publica. E' o que isso quer dizer.

Pela penna, mas pela penna porque nós só defendemos os interesses da cidade, os progressos e a moralisação do povo. Como diz o proprio padrecão, nós não poupamos seja quem for. O maroto julgando que nos injuria — imbecil! — não faz senão engrandecer nos. Nós não poupamos ninguém. Nós temos dicto verdades duras a todos, sem que queiramos com isto avançar que não tenhamos praticado, uma ou outra vez, alguns excessos. Não somos impeccavel. Não temos poupado ninguém, não adulamos nunca o proprio povo. E, comtudo, exercemos uma notavel influencia de seducção sobre o espirito publico. Porque?

Porque, no fundo, mesmo a travéz dos nossos excessos quando os tenhamos commettido, vê toda a gente que proseguimos sempre o mesmo fim, o mesmo objectivo: educar, moralisar, libertar.

Nós não queremos ser mandão do povo d'esta terra. Queremos, pelo contrario, que elle não tenha mandão de qualidade alguma. Apoiámos os mandões menos perigosos para deitar abaixo os mais perigosos. Muis nada. O padre entendia que a uma lenda se segue outra lenda, que o povo já mais viria a erguer a cerviz, a encerrar de frente a luz do sol, a estender livremente a vista para largos e desafogados horisontes. Nós entendemos que todas as lendas hão de acabar. Que o povo ha de erguer a cerviz. Que o povo ha de encerrar de frente a luz do sol. Que o povo ha de estender a vista livremente para largos e desafogados horisontes.

Não queremos ser mandão. Não mandamos coisa nenhuma. Não exercemos a minima pressão sobre o povo, que só nos conhece pelos nossos escriptos. O que queremos é que elle seja livre. E para ser livre é preciso esmagar todos os mandões.

Somos o plebeu rebelde, que fomos toda a vida. Não somos como o nosso velho compadre Domingos Leite, por exemplo, que só tem um sonho, que só tem uma aspiração: privar com os morgados. O nosso velho compadre desprezou a sua origem. O nosso velho compadre gastaria a terça parte da sua fortuna para apagar a mácula plebeia. Nós fizemos o contrario: repellimos sempre o convívio dos morgados. Detestamos os morgados. Abominamos os mandões.

Quando Manuel Firmino era o mandão perigosissimo, accetámos todo o auxilio para combater esse mandão. Quando vimos que Jayme Lima se convertia n'um mandão tão perigoso como o outro, ambos elles reaccionarios, ambos elles perigosos á causa da liberdade e dos interesses d'esta terra, accetámos todas as colligações para não deixar medrar essa nova lenda. Era a lenda que o padre e outros prepararam para substituir a lenda Manuel Firmino. Era o novo jugo popular que vinha substituir o outro jugo. E nós apparecemos na brecha contra o segundo, como n'ella tinhamos estado a combater o primeiro.

Não queremos jugo nenhum. Não queremos aqui mandão nenhum.

Queremos o povo livre, o povo educado, julgando livremente, com consciencia, com justiça.

Amámos a terra em que nascemos. Pelos seus interesses moraes e materiaes, pela honra das suas tradições democraticas, atacando homens e ridiculos, exaltando homens e virtudes, temos combatido sem cessar.

Por isso, só por isso. Para nós, nunca obtivemos com esse combate, á parte a satisfacção da nossa consciencia, senão perdas materiaes, senão desgostos.

Nunca ganhámos um real com a nossa propaganda. Nem influencia! Nem empregos!

Sabe-o todo o mundo. E eis o segredo da nossa notavel influencia de seducção sobre o espirito publico.

Continuaremos.

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar alguns originaes que temos em nosso poder e entre elles duas cartas curiosas sobre o *inigma* que aqui publicámos no domingo passado. Vão no proximo numero.

**"Povo de Aveiro,"**  
Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

linha: é uma historia longa, que eu te hei de mostrar escripta, em minha casa. Não t'a sei dizer de memoria porque ha quatorze annos que fechei e mais não vi os taes papeis, e já era minha tenção queimal-os para que por elles se não venha a descobrir quem é D. Joseph, a filha do Judeu Antonio de Sá. Esteve D. Maria alguns poucos mezes em minha casa, soffrendo, sem tréguas, molestia incuravel: estava ethica. Lembrou se de ir consultar medicos famosos: bem sabia eu a inutilidade do passo; mas deixei-a ir ao Porto a consultar um famoso medico chamado o *Olho de Vidro*.

— Braz Luiz de Abreu — atalhou Francisco Luiz.

— Esse mesmo, cujo nome tantas vezes me fez lembrar o teu, que cheguei a perguntar se elle seria teu parente: mas logo me disseram que não; e, para prova de que não era, bastou-me saber que o *Olho de Vidro* era familiar do santo officio.

**Agradecimento**

José Gonçalves Gamellas, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram visital-o pela occasião da sua doença e especialmente ao seu medico assistente o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Armnando da Cunha Azevedo e bem assim ao ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Alvaro de Moraes Ferreira e Manuel Netto

A todos o mais profundo reconhecimento e indelevel gratidão.

**Roubo Importante**

A sr.<sup>a</sup> Helena do Padre, com estabelecimento na Praça do Peixe, roubaram os gatinos durante a noite de 15 para 16 do corrente e por meio d'arrombamento da porta da rua, a quantia de reis 180000 que esta sr.<sup>a</sup> tinha guardada em uma caixa de madeira, caixa que foi encontrada aberta detraz da capella de S. João, no Rocio. Tambem n'um cano de esgoto que alli ha proximo, foram encontrados alguns livros que á roubada serviam para os assentos das dividas ao seu estabelecimento.

Foram presos dois tripulantes d'um cahique de Olhão que abi se acha surto, mas consta que nada de positivo se tem apurado até hoje das averiguações.

Bom será que não escapem á acção da justiça

Sabemos agora porque os homens do *canudo*, homens se essa classificaçao se lhes póde dar, se tem tornado furiosos e por que a baba lhes escorre pelos cantos da bocca como a cães nos paroxismos da hydrophobia.

E' nem mais nem menos por algumas pessoas honradas lhes terem devolvido o mesmo *canudo* como coisa nojenta e prejudicial, impropria de entrar em casa de familias honestas e probas.

Muito bem andam aquelles cavalheiros em repudiar as immoralidades fradescas dos *Chicás* abandalhados e sem vergonha. Muito bem.

**Phylantropia**

O sr. João dos Santos Silva, mesmo em Lisboa, onde fixou residencia, não se esquece dos pobresinhos d'Aveiro.

Por intermedio da Direcção do Secreio Artistico, acaba elle de lhes offerer um abulo que será distribuido no dia de Natal, como costumava fazer todos os annos.

A Direcção do Recreio, torrada tambem dos mais nobres sentimentos, vai abrir por seu turno uma *quête* para ampliar o *bódo* aos desamparados da sorte.

— Tambem o sr. dr. Libertador Ferraz d'Azevedo, delegado do Procurador Régio, dará no mesmo dia um jantar aos reclusos das cadeias d'esta comarca.

A ceia é fornecida pelo carcereiro, sr. Augusto José Carvalho. São dignos de registo e de louvor todos os actos de benevolencia, como estes são.

Francisco Luiz interrompeu a narração para referir a correspondencia que tivera com tal medico portuense imaginando que elle, por um acaso maravilhoso, poderia ser o filho de Antonio de Sá, uma creança que...

— Muita gente — acouidiu José de Barredo — e eu mesmo pensei que fosse teu filho...

— E admiro que não soubesses que era filho de Antonio de Sá!

— Não sabia; porque, desde a fuga da morgada, nunca mais tive novas de algum d'elles, e bem sei eu por que: fiz repugnancia ao desvariado procedimento d'ella; cheguei a fazer-lhe ameaças de a denunciar ao pae, a ver se a dissuadia. Tu mesmo, se bem me lembro, ignoravas onde estivessem alapados, e cuidavas comigo que se tinham embarcado para a India. Depois desappareceste de Coimbra, e quando voltaste nada me disseste, nem eu t'o levei a mal, porque sei quão perigosa era a tua situação,

**FREI BANDALHO**

Como dissémos, não tornaremos a tratar, propositadamente, d'este bandalho. Mas, por incidencia, ou quando seja preciso, iremos demonstrando sempre a infamia, a torpeza de caracter do repugnante sevandija.

No ultimo numero da *Nova Corneta do Diabo*, orgão do morgado do Carmo, dizia o biltre que se nos louvou foi porque *andámos longo tempo a fazer jus aos seus louvores*. Porque lhe dirigimos, primeiro, varios rapapés, sem elle nunca nos dar tréla.

São as suas palavras textuaes. Sabe-se que este miseravel é tudo quanto ha de mais sujo e de mais repugnante. Como padre, como professor do lyceu, como rabiscador de imprensa e como homem de sociedade. Nem nós sabiamos o que elle era. Só agora o sabemos pelas informações que nos trazem.

Como padre chegou a metter nojo aos proprios atheus. Era elle o primeiro a injuriar a Virgem, a troçar dos dogmas, a rir-se dos sacramentos, a metter a ridiculo as ceremonias do culto. Sobre tudo cuspiu com um cynismo que, outra vez o dizemos, mettia nojo ao proprios atheus.

Ha dezenas de testemunhas auriculares, promptas a affirmalo onde seja necessario.

E admirou-se o bispo de ser corrido á pedra em Aveiro! Faz muito bem em não querer voltar aqui. Anda com prudencia.

Em todas as classes ha bom e mau. Mas monstruosidades moraes como essa do padre Manuel Rodrigues Vieira só na classe sacerdotal.

Como padre, pois, o bandalho é isso: externamente, respeitador da santa religião. Na conversa com os conhecidos e amigos, um depravado, um cynico, que chega a tornar-se repugnante aos mais indifferentes em materia religiosa.

Como rabiscador de imprensa, um miseravel tão ordinario que não tem outros recursos senão a imitação e a mentira. Imita tudo quanto nós aqui dizemos. Aproveita-se de todas as palavras que aqui escrevemos. E mente sempre. Sempre!

Sem pejo, sem vergonha, sem escrupulos, sem remorsos. Não ha garoto mais réles.

Vamos vé lo novamente. Diz elle que se nos louvou foi porque *andámos longo tempo a fazer jus aos seus louvores*, dirigindo-lhe, primeiro, varios rapapés.

Ora em 5 de novembro de

e a dos paes de Antonio de Sá que o santo officio prendera na Guarda. Sabia eu que uma mulher creava em Coimbra uma creancinha que tu algumas vezes visitavas, supuz, como quasi toda a gente, que era teu filho... Morreu esse menino?

— Não sei. Presumo que sim. Ninguém me póde informar, e bastas vezes pedi novas d'elle. Acaso te lembras da morte de Heitor Dias da Paz, de Villa Flor?

— Lembro, foi em 1707.

— Nunca ouviste dizer que em poder d'esse hebreu estivesse um moço, que então devia ter entre quatorze a quinze annos?

— Pois era elle, se existisse. Vamos ao fim da historia de D. Maria. Valeu-lhe alguma coisa a medicina do tal *Olho de Vidro*?

(Continúa.)

1899 démos-lhe nós aqui a trépa que já foi transcripta no *Povo de Aveiro* de 29 de novembro findo. E em 18 de março de 1900 démos-lhe outra trépa ainda maior, ou na *Vitalidade*, de que elle foi sempre o principal redactor, o que vem a dar na mesma coisa.

Gabava-se o pasquim de ser o jornal mais lido da cidade. E nós, em resposta, diziamos-lhe isto, entre outras coisas mais:

«Temos um profundo desprezo por aquelles que se servem da imprensa, onde procedem como os mais infimos lacaios, para enriquecer, matar a fome ou adquirir ou conservar, sem despezas, uma miseravel influencia de campanario. Que tenham muitos assignantes ou poucos é coisa em que nem sequer pensamos. Mas embora aquellas insidias e remoques de meretrizes ciosas não nos toquem (diziamos isto porque não se dirigiam a nós mas ao *Campeão das Províncias e Districto de Aveiro*) achamos digna de uma vergastada toda a collareja prostituida que leve a audacia até ao ponto de querer fingir de honesta. Tenha a coragem da sua podridão. E' a unica maneira de viver em paz e ás moscas.

De resto, nós acreditamos piamente que o orgão dos vitalinhos seja o periodico de maior tiragem na terra. Tem todas as condições de torpeza para isso.»

Isto lhe diziamos nós, attenda-se, em 29 de março de 1900. E n'isso ficámos até 4 de novembro de 1900, dia em que a *Vitalidade*, como se viu, se derreteu, com pasmo nosso — já o dissémos — a fazer-nos elogios, no que continuou ininterruptamente, como se viu tambem, até 1 de setembro de 1901, vindo o padre ainda a protestar admiração até 12 de janeiro de 1902.

Pois o biltre diz agora que *andámos longo tempo a fazer jus aos seus louvores*, dirigindo-lhe, primeiro, varios rapapés, sem elle nunca nos dar tréla!

E' o pulha mais completo que se tem visto.

O *Frei Chicá Clericalho do Carmo* ha-de mostrar sempre o que é e o que valle.

Alma de lama e instinctos de chacal, tem sempre promptas as garras para agatanhar em todos que se prestam a beneficiar a terra em que elle vive, e que por esquecimento ainda o não enguliu para estrumar aboboras e feijões.

Agora foi o rebocador o alvo das suas chicanices tólas. Não tem valor o melhoramento, não se precisava cá d'elle, era até desnecessario os srs. proprietarios de marinhas terem-se lembrado de rennir e formar commissões para pedir a sua acquisição.

Era, na verdade, a'quelles senhores tal não tinha lembrado e, por isso, devem estar muito gratos ao *Frei Clericalho do Carmo*, que pelo nome não perca.

E são com bandalhos d'esta especie que se compõe o grupo francaceo de Aveiro, grupo que se propõe salvar a patria dos ovos molles, não se importando para isso que a barra se feche ou o districto se esphacele.

Pelas mostras que dão é de vér o que será essa turba se algum dia apanha á mão o bastão do mando. E' cada raio que te parto.

**Notas alegres**

N'um restaurante. O freguez depois de pagar ao creado pergunta-lhe: — Olha lá, ó rapaz?... O teu patrão quando quer comer bem, aonde é que vai jantar?...

**PUBLICAÇÕES**

o **Vassallo Flel**, por Guilherme Moreira.

Recebemos este poemeto, offerecido pelo auctor. O poemeto tem versos bem feitos,

(33) FOLHETIM  
CAMILLO CASTELLO BRANCO  
**O OLHO DE VIDRO**  
(Romance historico)

XI  
**Treze annos depois**  
— Não posso, e pouco tenho que te contar antes da morte d'ella... Ali vai o mais que sei. D. Maria perguntou-me se devia considerar perdido o seu patrimonio; e eu respondi-lhe que sim; e pedi-lhe que nem fallasse em tal pretensão, se a trazia, porque os individuos possuidores d'elle seriam capazes de a denunciar ao santo officio, e de lançarem rezina aos páus da fogueira com as proprias mãos. Então me relatou ella a desgraçada vida que tivera por espaço de quinze annos, captiva de corsarios e mais o marido e fi-

com sentimento e rhythm. Não é um poeta feito, o sr. Guilherme Moreira. Mas promete vir a sê-lo, e já o é, no entanto, mais do que alguns que andam na bocca do réclamo.

Certas passagens da sua obra denotam já rasgo, espontaneidade, firmeza de mão.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.

**Liga Naval Portugueza. Boletim Official.**—Recebemos o n.º 10 d'este boletim, referente ao mez d'outubro.

É uma excellente publicação, distribuída aos socios d'aquella patriótica Associação.

Agradecemos o exemplar que nos enviaram.

**Tratado de Contabilidade,** por Ricardo de Sá.

Recebemos as cadernetas n.ºs 17 e 18 d'esta muito util publicação.

Assigna-se na *A Editora*, largo do Conde Barão, 50, e na livraria Lello & Irmão—rua dos Clerigos, 96 e 98—PORTO.

Custo de cada caderneta semanal de 16 pag., 70 réis.

**Melhoramentos em Eixo**

Foi nomeado chefe da estação telegraphica de Eixo, ultimamente alli criada, o sr. Antonio da Silva Brinco, d'Agueda.

Dizem-nos que a estação será inaugurada no dia de Natal ou dia de anno novo.

Tambem vae em breve dar-se principio á canalisação d'agua para consumo dos seus habitantes.

Este melhoramento, de há muito reclamado, e com razão, por aquelles povos, deve-se ao reiterado empenho do illustrado vereador sr. Avelino Dias de Figueiredo, d'alli, e á boa vontade em ser prestável a tudo quanto seja favoravel á causa publica, do sr. presidente da camara, Gustavo Ferreira Pinto Basto, que se affirma, cada vez mais, o melhor presidente que há quarenta annos a camara tem tido e que tantos engulhos dá aos *Chigas* pela sua excellent administração municipal.

O peor mal é d'elles que vão dando uma boa ideia do que valem e do que são capazes.

Reccorer a *deus* ou ao *estado* para que faça a felicidade do povo é o mesmo que suplicar a um membro doente para que dê saúde a um corpo são.

THOMAS DA FONSECA.

**PREVENÇÃO**

**PARTICIPO** a todos os meus estimaveis freguezes que não sendo exactas as contas que me tem prestado o meu antigo creado Manuel de Pinho das Neves, da cobrança que por muitas vezes fazia, a todos previno de que nada lhe deverão entregar de hoje em diante, sem carta por mim assignada.

Verdemilho, 2 de dezembro de 1903.

Antonio Gonçalves Bartholomeu.

**Aos agricultores**

**Adubo organico para terras,** vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encomendas de *marés* de junco.

**METHODO JOÃO DE DEUS**

**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura,** (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

**Deveres dos Filhos,** (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

**Album,** ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 50000 réis.

**Quadros parietaes,** ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 60000 réis.

**Arte de escripta,** nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

**O Methodo de escripta,** vende-se aos **CADERNOS** ou ás **COLLECÇÕES**.

**DO MESMO AUCTOR**

**A Cartilha Maternal e o Apostolado,** (celebros polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

**A Cartilha Maternal e a Critica,** methodo de João de Deus, com prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag., 500 réis.

**Prosas,** Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis.

**Campo de Flores,** Braga, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

**Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.**

**Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal,** (obra indidisciplinada que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

**Os altos principios do Methodo de João de Deus,** 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

**Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.**

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

**CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS**  
 Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra  
 Extrahê, obturas, collocar dentes e encorrega-se do concerto de dentaduras  
 R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

**BAGAÇOS ALIMENTARES**  
 VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos es melhores bagaços para alimentação de todos os annuaes.

**DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA**  
 DA ACREDITADA FABRICA "PFAFF,"  
 Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráa ao mais grosso cabedal.

**A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura**

Ensino gratis. Garantia illimitada.  
 A prestações e a dinheiro com grandes descontos.  
 Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.  
 Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.  
 Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.  
 Pedidos a

José Maria Simões & Filho  
 ANADIA—SANGALHOS

**LIVRO COMMERCIAL**  
**TRATADO DE CONTABILIDADE**  
 Pelo guarda livros RICARDO DE SÁ

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa Penito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

É sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

**Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.**

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA, e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

**A NOVA PHASE DO SOCIALISMO**  
 POR JOÃO DE MENEZES  
 A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.  
**Preço 200**

**RUDIMENTOS DE AGRICULTURA**  
 POR ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO  
 LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECCÃO GERAL D'INSTRUCCÃO PUBLICA  
**PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS**  
 A venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na **CASA EDITORA LIVRARIA ALLAUD** Rua do Ouro.—242-1.º LISBOA

**ARMAZENS DA BEIRA-MAR**  
 DE MANUEL GONÇALVES MOREIRA  
 PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22  
 R. DOS MERCADORES, 1 A 5  
**AVEIRO**

D'aqui levarás tudo tão sobre (Luz. Can.)  
**VENDAS SO A DINHEIRO**

**Preços fixos**

**CONFECÇÕES:** Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).  
 Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.  
 Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.  
 Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).  
 Flores artificiaes e cordas funerarias.  
 Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.—Não se aviamencommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancla.**

**MAIS UM TRIUMPHO!**

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

**AVEIRO**  
 75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79